

# ANÁLISE PRELIMINAR DA ABUNDÂNCIA DE *ATLANTIRIVULUS SANTENSIS* (KÖHLER, 1906) EM AMBIENTES TEMPORÁRIOS DA MATA ATLÂNTICA

Ana Gabriela Castilho<sup>1</sup>  
Ursulla Pereira Souza<sup>2</sup>  
Amanda Selinger<sup>3</sup>  
Rafael Mendonça Duarte<sup>4</sup>  
João Henrique Alliprandini da Costa<sup>5</sup>

## RESUMO

*Atlantirivulus santensis*, Rivulidae, habita ambientes temporários, como poças e valas. Na Mata Atlântica, 40% dos peixes pequenos de água doce ameaçados são dessa família, devido à perda de habitat pela urbanização e mudanças climáticas, tornando essenciais estudos sobre a abundância e fatores ambientais e biológicos que influenciam sua presença nesses ambientes. Os exemplares de *A. santensis* foram amostrados entre janeiro e julho de 2024 (CEUA – IB/CLP nº 15/2023 e SISBIO 90241-1), na sub-bacia do Rio Preto, em Itanhaém-SP. Foram coletados 37 ambientes temporários, sendo 19 poças e 18 valas. Para verificar as diferenças na abundância entre poças e valas, foi aplicado o teste de Mann-Whitney. Modelos Lineares Generalizados foram utilizados para avaliar a influência do volume de água e da distância do riacho mais próximo na abundância. Foram amostrados 246 indivíduos, sendo 114 em poças e 132 em valas. Não houve diferença significativa na abundância entre os locais ( $w=158,5$ ;  $p=0,71$ ), mas o valor somado de abundância em ambos os ambientes foi maior nos meses de janeiro e fevereiro. Nas valas, o aumento do volume resultou em menor abundância da espécie ( $z=4,897$ ;  $p=0,001$ ), enquanto nas poças essa relação não foi significativa ( $z=1,093$ ;  $p=0,275$ ). A abundância nas valas também diminuiu conforme a distância do riacho mais próximo aumentou ( $z=-3,32$ ;  $p=0,001$ ), diferindo das poças ( $z=1,558$ ;  $p=0,119$ ). A ausência de influência das variáveis nas poças condiz com a história evolutiva e a complexidade dos processos ecológicos e biogeográficos dessa espécie, na qual a distância do riacho e o volume das poças não aparentam

<sup>1</sup> Laboratório de Biologia de Organismos Marinhos e Costeiros - Universidade Santa Cecília- UNISANTA, [ana\\_castilho@hotmail.com](mailto:ana_castilho@hotmail.com) ;

<sup>2</sup> Laboratório de Biologia de Organismos Marinhos e Costeiros – Universidade Santa Cecília – UNISANTA, [upsouza@gmail.com](mailto:upsouza@gmail.com) ;

<sup>3</sup> Laboratório de Biologia de Organismos Marinhos e Costeiros – Universidade Santa Cecília – UNISANTA, [amandaselinger@gmail.com](mailto:amandaselinger@gmail.com) ;

<sup>4</sup> Laboratório de Ecofisiologia e Toxicologia Aquática – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, [r.duarte@unesp.br](mailto:r.duarte@unesp.br);

<sup>5</sup> Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade de Ambientes Costeiros da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, [jh.costa@unesp.br](mailto:jh.costa@unesp.br) ;

interferir em sua dispersão. Nas valas, o aumento do volume pode intensificar o risco de predação devido à presença de peixes maiores, anfíbios e serpentes. Além disso, a distância do riacho, aliada à ausência de vegetação alagável na estrada, parece restringir a dispersão desses organismos.

**Palavras-chave:** Ecologia populacional, Valas de estrada, Poças temporárias, Rivulidae

**Agência financiadora:** Processo nº 2023/14344-5, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). INCT-ADAPTA II, que é apoiado pela CAPES (Código de Financiamento 001), CNPq (#465540/2014-7) e FAPEAM (#06201187/2017). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.